

VARIAÇÃO NO USO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO: DADOS DE LUANDA-ANGOLA

VARIATION IN THE USE OF THE ANAPHORIC DIRECT OBJECT: DATA FROM LUANDA-ANGOLA

Jan Carlos Dias de Santana*

RESUMO: O uso do objeto direto anafórico é um dos fenômenos que individualiza o português brasileiro em relação ao europeu. Este trabalho verifica a realização das estratégias anafóricas em uma variedade africana, averiguando se há diferentes escolhas das formas para a representação do objeto. Foram utilizadas entrevistas com amostras do português falado em Luanda (Angola), seguindo-se os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística quantitativa (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972). Nesta primeira descrição feita com os dados levantados, foi registrada a preferência dos falantes pelo uso do objeto nulo (49%) e SN anafórico (45%), registrando-se um baixo uso do clítico (4%) e do pronome lexical (2%). A análise levou em consideração somente as variáveis sociais, constatando em que medida o sexo do informante, faixa etária, nível de escolaridade, local de nascimento e língua materna pode influenciar quanto ao uso variável. Os resultados encontrados nesta análise com os dados preliminares permitiram fazer uma descrição prévia do comportamento angolano em relação ao fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Objeto direto anafórico. Variação. Português angolano.

ABSTRACT: The use of the anaphoric direct object is one of the phenomena that differentiates the Brazilian Portuguese from the European. This work verifies the utilization of anaphoric strategies in an African variety, ascertaining if there are different form choices to represent the object. Interviews with samples of Portuguese spoken in Luanda (Angola) were used, following the theoretical and methodological postulates of quantitative sociolinguistics (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972). The first description of the data collected showed that the speakers prefer the use of null object (49%) and anaphoric noun phrase (45%); the low use of clitic (4%) and lexical pronoun (2%) was also registered. The analysis took into account only the social variables, noting the extent to which the informant's sex, age group, level of education, place of birth, and mother tongue can influence variable use. The results found in this analysis with preliminary data allowed a prior description of Angolan behavior in relation to the phenomenon.

KEYWORD: Anaphoric direct object. Variation. Angolan Portuguese.

*Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGEL/UEFS) com bolsa CAPES. E-mail: prof.jansantana@gmail.com. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-1871-6640>.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho noticia a realização de uma pesquisa cujo objetivo é descrever e analisar o uso do objeto direto anafórico no português falado em Luanda, capital de Angola. Trata-se de uma pesquisa de doutoramento vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Faz-se uma análise com dados preliminares da variação das estratégias anafóricas na fala de angolanos, adotando-se a Teoria da Variação e Mudança, postulada por Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]), a fim de verificar inicialmente apenas como os fatores sociais interferem no uso.

Para apresentar os resultados parciais o texto está estruturado da seguinte forma: na primeira seção, mostra-se o fenômeno estudado tendo como base algumas observações feitas por autores brasileiros; em seguida, caracteriza-se a metodologia; a quarta seção expõe os resultados parciais dos dados das estruturas de objeto direto anafórico levantados nas primeiras entrevistas consideradas na pesquisa; por fim, apresentam-se algumas considerações.

2 SOBRE O TEMA

O uso do objeto direto anafórico é amplamente estudado no âmbito do Português do Brasil (PB) e vem sendo verificado que, em diferentes partes do país, considerando as variedades rurais e urbanas, constitui-se uma regra variável. A tradição gramatical rege que os pronomes pessoais oblíquos *o/a* e suas flexões devem funcionar como objeto, no entanto, é observado que existem outras estratégias que também podem exercer essa função. Assim, são possíveis

construções na estrutura do português como as exemplificadas abaixo em resposta à pergunta *Você encontrou João?*¹:

- (i) Eu não o encontrei.
- (ii) Eu não encontrei *João*.
- (iii) Eu não encontrei *ele*.
- (iv) Eu não encontrei \emptyset .

Pode haver preferência por qualquer uma dessas quatro formas. A resposta em (i) mostra o uso padrão do pronome oblíquo (doravante clítico) e a resposta em (ii) apresenta a repetição do SN. Em (iii) tem-se o pronome pessoal reto *ele* (doravante pronome lexical) utilizado como objeto direto e que é amplamente rejeitado pela gramática; a resposta em (iv) mostra uma posição vazia em função anafórica (doravante objeto nulo).

As três primeiras obras que descrevem o português brasileiro no início do século XX (*O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral (1920); *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes (1922); *A língua do Nordeste*, de Mário Marroquim (1934)), já reportam a existência do pronome *ele/ela* como uma estratégia de realização do objeto direto.

Em seu livro, Amaral (1920) descreve uma língua popular do interior de São Paulo. O autor comenta que os pronomes *ele* e *ela* podem ser objeto direto: “peguei *ele*” / “enxerguei *elas*” – , e ressalta que “este fato é um dos mais generalizados pelas diversas regiões do país” porque o pronome *o/a* “perdeu toda a vitalidade, aparecendo quase unicamente encravado em frases ossificadas” (AMARAL, 1920, p. 59,).

¹Os exemplos (i) a (iv) são meramente ilustrativos, não sendo retirados do *corpus* da pesquisa nem de outros trabalhos.

Marroquim (1934) planeia o seu estudo a partir da língua falada em Alagoas e Pernambuco por considerar os seus usos linguísticos idênticos, devido às formações históricas e étnicas. Ele defende a ideia de que a necessidade de clareza na fala pode fazer com que se empreguem as formas *ele / ela* em relação aos pronomes átonos de 3ª pessoa *o, a, os, as* e afirma: “Esse emprego é geral em todo o Brasil. É construção que dificilmente será extirpada do falar brasileiro, pois atingiu todas as classes sociais. Terá de entrar na gramática, a não ser que [...] ela deixe de ser a codificadora dos fatos da linguagem” (MARROQUIM, 1934, p. 176-177).

O autor enfatiza que o uso do clítico acusativo diminuiu na pronúncia brasileira e que certas frases de uso frequente, tais como *vi-o, via-a, eu o vi, ouvi-o, ouvi-a, eu o ouvi* se tornam “obscuras ou ambíguas”, então, “urgido pela lei suprema da linguagem, que é a clareza, remove o povo a dificuldade lançando mão, por instinto ou atavismo, do uso arcaico do pronome reto: *vi elle, vi ella, ouvi elle, ouvi ella, eu ouvi elle*” (MARROQUIM, 1934, p. 179, grifos do autor).

É notável que as explicações tanto de Amaral quanto de Marroquim demonstram que foram feitas significativas pesquisas de campo, mesmo de forma assistemática, na tentativa de explicar as distintas vertentes da Língua Portuguesa. Os trabalhos desses autores merecem reconhecimento pelo fato de terem sido feitas sob condições adversas, sem o aparato tecnológico de que hoje dispomos. O que se destaca aqui de Nascentes (1922) são trechos cujas explicações apontam para uma possível consciência do autor sobre o processo de variação e mudança da língua:

As línguas alternam-se com a mudança de meio e o nosso modo de falar diverge e há de divergir, em muitos pontos, da linguagem lusitana. Muitas são já as diferenças atuais, que passam despercebidas por não haver um estudo feito neste sentido. (NASCENTES, 1922, p. 144).

Avançando pelos estudos que trazem uma descrição linguística do português brasileiro quanto aos pronomes de 3ª pessoas, cita-se Câmara Jr. (1997 [1970]) que fez uma descrição do quadro de pronomes, enfatizando que “tal quadro é, a rigor, puramente teórico; e em nenhuma região da língua portuguesa ele se realiza exatamente” (CÂMARA JÚNIOR., 1997 [1970], p. 119). Com isso, ele reconhece as mudanças no uso dos pronomes e dentre as modificações aponta que na 3ª pessoa, são eliminadas *o, a* e *lhe* (no plural *os, as* e *lhe*) em proveito de *ele* (-*a, -s*) em qualquer função na frase.

Em outro estudo realizado, Câmara Jr. (2004 [1972], p. 96) que, ao tratar do pronome *ele* (e suas flexões) na função de complemento direto, explana que esse uso é um dos seus traços mais característicos de todos os níveis sociais no Brasil; só o evitamos em certas situações nas quais aquele que fala sente toda sua responsabilidade de homem instruído e, mesmo assim, ele não chega sempre a eliminá-lo de todo”.

Outra estratégia inovadora de retomada anafórica é a supressão de um termo, como neste exemplo hipotético “Aos domingos, me encarrego de comprar *o jornal* e \emptyset entrego a meu pai”. Sônia Cyrino (1994) observa que

[...] independentemente de qual seja a correta representação da categoria vazia em oposição de objeto, o chamado “objeto nulo” sempre tem um antecedente, sempre faz referência a um NP, seja no discurso anterior, seja na situação (dêitico). O objeto nulo é mais um recurso das línguas para se referir a um elemento já mencionado. (CYRINO, 1994, p. 15, grifos da autora).

Para a Linguística Textual, seria, então, uma substituição por zero, omitindo-se um item lexical, um sintagma, uma oração ou todo um enunciado facilmente recuperáveis pelo contexto (cf. KOCH, 1989). A própria gramática normativa também denomina esse recurso linguístico de *elipse*, e define-o como uma espécie de economia de palavras (cf. CEGALLA, 1981). Em estudos sobre a retomada

anafórica no PB, essa estratégia denominada objeto nulo é considerada uma forma não estigmatizada e

[...] vem co-ocorrendo e concorrendo com outras formas realizadas foneticamente – como sintagmas nominais e pronomes objetos, por exemplo. Neste sentido, é possível interpretar essa ausência de preenchimento tanto do ponto de vista sintagmático – na medida em que se estabelece uma relação significativa entre o antecedente e o apagamento e essa relação serve de critério para que se determine ou não um dado como objeto nulo – quanto do ponto de vista paradigmático – já que a forma vazia, encontrada na função de objeto, se opõe às formas plenas e compõe, juntamente com essas, um paradigma de formas capazes de desempenhar a função de objeto [...]. (DALTO, 2002, p. 35-36).

Cyrino (1996) atesta que o objeto nulo já ocorria em variação com o clítico no português do século XVI, estendendo-se a outros contextos a partir do século XIX e seu uso se intensificou na variedade brasileira. A autora registra que os clíticos da 3ª pessoa são os que apresentam maior grau de desaparecimento, propiciando o esvaziamento da posição do objeto. Ela lança a hipótese de que a origem do objeto nulo estaria relacionada à queda desse clítico que passa a ocorrer por conta da mudança na sua colocação, havendo uma preferência pela posição proclítica, ocorrendo de forma generalizada, e o clítico o teria sido o primeiro a ser atingido, em sentenças do tipo “João o tinha visto”. A partir do século XIX, observam-se ocorrências do pronome lexical nessa função e isso foi se acentuando ao longo do século XX.

Jairo Nunes (1996) reforça a ideia de que o sistema inovador do português brasileiro abriu caminho para duas novas construções que passam a substituir a construção com o clítico de 3ª pessoa, ou seja, construções com o objeto nulo e com o pronome lexical. De acordo com ele,

Com a inexistência de aquisição dos clíticos acusativos de terceira pessoa por uma geração de falantes, construções com esses

clíticos tornaram-se menos freqüentes no ambiente linguístico. Isso, por sua vez, forneceu combustível adicional para que as gerações subseqüentes que já tinham adquirido um sistema com cliticização da esquerda para direita também não adquirissem esses clíticos. Assim, em pouco mais de um século depois que a mudança na direção de cliticização teve início, os clíticos acusativos de terceira pessoa vêm-se ameaçados de extinção no português brasileiro. A obsolescência das antigas construções com clíticos, então, abriu caminho para a expansão das construções com objeto nulo e para a introdução de construções com pronome tônico na posição de objeto. (NUNES, 1996, p. 220).

Registra-se também como estratégia na realização do objeto direto de 3ª pessoa a retomada do antecedente por meio de um sintagma nominal (SN). Não foram encontrados registros nas gramáticas consultadas que a mencionassem, no entanto, recorrendo à Linguística Textual, pode-se dizer que esse mecanismo que envolve a repetição do mesmo item lexical ao longo do texto é classificado por Ingedore Villaça Koch (1989) de coesão textual², pois se trata de um processo de sequencialização que assegura (ou torna recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual. Ressalta-se que, além dessa recuperação ser feita pela reiteração do mesmo item lexical, pode haver a substituição por um nome cognato, mantendo a relação semântica, quando se diz “Toda manhã, ele leva sua *filha* para a creche e no final do dia vai buscar a *menina*.”

A substituição da palavra *filha* por *menina* na frase assegura coesão lexical e garante simultaneamente “identidade referencial”, porque designa a mesma informação dita anteriormente. Maria Eugênia Lamoglia Duarte (1989) afirma que essa estratégia é bastante expressiva porque funciona como um drible do falante para não usar o clítico em função substitutiva, considerado mais rebuscado, nem

² Partiu-se do princípio de que texto se trata de uma manifestação linguística escrita ou falada dotada de sentido.

o pronome lexical avaliado socialmente como negativo. Então, repete-se o sintagma.

Ressalta-se que foram feitas essas considerações a respeito do fenômeno estudado utilizando-se como parâmetro trabalhos realizados sobre o português brasileiro porque as descrições ainda são incipientes no português angolano. Na próxima seção, são apresentados os objetivos desta pesquisa, focalizando o português falado em Luanda-Angola, outra ex-colônia de Portugal, a fim de verificar suas configurações sociolinguísticas em relação ao tema, e são especificadas as questões teórico-metodológicas.

3 TRAÇANDO UM ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO

Abrindo o envelope de variação, propôs-se verificar as ocorrências de objeto direto anafórico na língua falada em Luanda. A variável dependente adotada neste estudo é eneária e exemplifica-se com dados levantados do *corpus* desta pesquisa, da seguinte forma:

Clítico

- (1) INF³: [...] E depois consegue raptar o *bandido*, coloca-**o** dentro do porta-malas e [Ø] leva até o vice-presidente. (Informante da faixa A, do sexo feminino, nível universitário)

Pronome lexical

- (2) DOC: Qual é o nome da planta?
INF: *Welwitschia mirabilis*. É *uma planta* que eu aprendi desde a 1ª, 2ª classe e com meus 18 anos, quando viajei com meus pais, pude ver **ela** frente a frente. É uma planta incrível, é a única que consegue sobreviver no deserto. (Informante da faixa A, do sexo feminino, nível universitário)

³ Legenda: INF – informante; DOC – documentador.

SN anafórico

- (3) INF: Então, [19]72 comecei a aprender *a catequese*. Assim que eu comecei a aprender *a catequese* em [19]72, então... [19]73, recebi o batismo, a confirmação. (Informante da faixa C, do sexo feminino, ensino fundamental incompleto)

Objeto nulo

- (4) DOC: Falando um bocadinho das línguas nacionais, acha que as crianças devem aprender *as línguas nacionais* na escola?
INF: Sim. Devem, devem.
DOC: Por quê?
INF: Porque é a língua materna, é seu país como de outros países também as crianças também aprendem e não podem ficar de fora. Aquilo é uma cultura dos pais, avós, por isso têm que aprender Ø. (Informante da faixa A, do sexo masculino, ensino fundamental incompleto)

A proposta de estudo segue os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]). A fim de obter os dados necessários para a pesquisa, são utilizadas entrevistas já gravadas com angolanos que vivem em Luanda. Tais entrevistas pertencem ao acervo do Projeto *Em busca das raízes do português brasileiro* (CONSEPE 0036/09; UEFS/FAPESB Edital 001/2012) e foram distribuídas por sexo, faixa etária e nível de escolaridade. Além dessas variáveis sociais que constituem a amostra, são considerados o local de nascimento e a aquisição da Língua Portuguesa como L1 ou L2, com base nas declarações dos próprios participantes.

Neste trabalho, houve somente o controle de fatores sociais, embora no desenvolvimento da pesquisa será verificada também a influência de fatores linguísticos que podem condicionar o uso das estratégias de objeto nulo no português falado em Luanda. Cabe aqui observar o *status* social do fenômeno no

corpus estudado e, por causa dessa delimitação feita, a análise será apenas com as variáveis sociais listadas abaixo:

a) Sexo

A influência do fator sexo sempre é enfatizada em estudos sociolinguísticos, porque em relação aos processos variáveis, as mulheres geralmente teriam preferência pelas formas consideradas mais prestigiadas (LABOV, 2008 [1972]). Nesse sentido, pretende-se verificar se o sexo feminino favorece mais na variedade angolana o uso da forma considerada de prestígio, ou seja, o clítico *o/a* e suas flexões, tendo em vista a perspectiva do fenômeno analisado e do *corpus*.

b) Faixa etária

São estabelecidas duas faixas etárias, sendo que a faixa A corresponde aos participantes de 21 a 35 anos e a C de 52 anos em diante. A pretensão é verificar como o uso das estratégias se distribui entre as faixas, atentando para os contextos de mudanças geracionais ocorridas na sociedade angolana. Embora pretenda-se considerar também uma faixa etária intermediária B (de 36 a 51 anos), para este estudo, foi feita a opção de se considerar apenas as faixas extremas A e C.

c) Nível de escolaridade

Consideram-se dois níveis: baixa ou nula (analfabetos e ensino fundamental incompleto) e ensino superior (em curso e graduados). Será notado se quanto

maior o nível de escolaridade, maior o favorecimento do clítico devido ao fato de terem mais acesso às noções gramaticais da Língua Portuguesa durante os anos de escolarização.

d) Local de nascimento

O controle dessa variável é para analisar a relação entre a origem do participante e a frequência de favorecimento das estratégias de uso do objeto direto anafórico. Espera-se que os nascidos em Luanda sejam mais expostos à Língua Portuguesa, tida como a língua oficial, por existir mais meios de veiculação, e por isso favoreçam o uso do clítico; já os migrantes angolanos oriundos de outras localidades fora da capital, mesmo sendo exposto à língua oficial do país, poderiam também interagir com outras línguas locais e isso influenciar na realização do objeto direto.

e) Língua materna

Acredita-se que a forma de aquisição da Língua Portuguesa pode influenciar quanto ao uso do objeto direto anafórico. Sendo assim, aqueles participantes que adquiriram o português como língua materna tenderiam a realizar mais o pronome clítico e os participantes que assumiram ter aprendido o português como segunda língua, mais tardiamente, favoreceriam o uso do objeto nulo ou do pronome lexical.

A seguir, os resultados preliminares obtidos são mostrados a partir do controle dessas variáveis.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS PARCIAIS

Com o intuito de fazer uma análise prévia da configuração do uso das estratégias de objeto direto anafórico no Corpus Luanda do Projeto *Em busca das raízes do português brasileiro*, foram selecionados 8 informantes. Para este trabalho, decidiu-se utilizar as entrevistas de 4 participantes de ambos os sexos, das faixas etárias A (de 21 a 35 anos) e C (a partir de 52 anos) que possuem baixa ou nula escolaridade e com nível universitário.

A partir dessas entrevistas, foi obtido um total de 234 dados de objeto direto anafórico, como pode ser verificado na tabela a seguir:

Tabela 1 - Distribuição geral das variantes no *corpus* de Luanda.

VARIANTES	Clítico	Pronome lexical	SN anafórico	Objeto nulo	TOTAL
Ocorrências	11	4	105	114	234
%	4%	2%	45%	49%	100%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme pode ser observado na Tabela 1, os falantes angolanos demonstraram maior preferência pelo uso do objeto nulo (49%) e SN anafórico (45%), seguidos pelo clítico (4%) e, por fim, pelo pronome lexical (2%) (cujos exemplos das variantes foram apresentados na seção 3). Em termos de distribuição geral das ocorrências, observou-se que a tendência ao apagamento do objeto se assemelha a resultados de trabalhos realizados no Brasil sobre o tema (DUARTE, 1989; FAGUNDES, 1997; SILVA, 2004; FREIRE, 2005; LUZ, 2009; ALVES BRITO, 2010; SANTANA, 2014, dentre outros). O SN também se destaca, sendo a segunda variante mais produtiva, no entanto, a porcentagem do uso encontrado no *corpus* angolano se aproxima muito do objeto nulo.

Os resultados parciais indicam que o clítico e o pronome lexical apresentam baixa produtividade. Geralmente, em contexto brasileiro, o pronome lexical é a

terceira variante mais utilizada e apresentou apenas 2% nos dados aqui analisados para este trabalho. O uso do clítico, que é a variante padrão, divergiu do contexto brasileiro, mostrando-se ainda ser um pouco mais presente no vernáculo angolano, embora muito abaixo do que se esperava no início da pesquisa. Na descrição que é feita em algumas comunidades de fala já se mostra o desuso dessa variante no vernáculo dos brasileiros, havendo um baixíssimo uso, cujo percentual sempre está bem abaixo dos 4%.

Como a proposta deste trabalho é fazer uma sondagem da configuração das variantes no *corpus* da pesquisa que ainda está em andamento, a próxima etapa será levantar dados de outras entrevistas com o mesmo perfil dessas que foram consideradas, além de incluir os participantes com ensino médio (de 10 a 12 anos de escolarização) e da faixa B (de 36 a 51 anos) para uma descrição mais abrangente. Nesta análise parcial dos resultados, a variável sexo do informante sinaliza que os homens favorecem mais o uso do objeto nulo com 50%. Em relação às outras variantes, observou-se que o SN anafórico é a segunda mais usada (35%), seguida do clítico (14%), não havendo ainda registro do pronome lexical na fala masculina na parte analisada do *corpus* para a escrita deste trabalho. Quanto às mulheres, a maior frequência de uso está entre as variantes SN anafórico e objeto nulo, tendo ambas 47%; foram baixas as frequências do clítico e do pronome lexical, sendo que as ocorrências encontradas dessas variantes até o momento são da mesma participante.

Tabela 2 - Distribuição das ocorrências segundo o sexo do informante.

Sexo do informante	Variantes			
	C	PL	SN	ON
Masculino	9 14%	0 0%	23 35%	32 50%
Feminino	2 1%	4 2%	82 47%	82 47%
Total	11	4	105	114

Fonte: Elaborado pelo autor.

A leitura vertical da Tabela 2 mostra que a maior frequência do clítico está entre os homens (14%), houve uma frequência muito baixa do pronome lexical e as altas frequências do SN anafórico e do objeto nulo, sendo, assim, um indicador de que o uso dessas variantes pode estar mais implementado. Ao ampliar o *corpus* da pesquisa, pretende-se verificar se o sexo masculino continuará favorecendo mais o uso do clítico e se isso estaria relacionado a fatores socioculturais, visto que existe uma tendência nos estudos sociolinguísticos de considerar as mulheres mais sensíveis às formas de prestígio.

Quanto à distribuição das variantes considerando a faixa etária, a faixa A favoreceu o uso do objeto nulo (53%) enquanto o SN anafórico é favorecido pela faixa C (54%). O clítico e o pronome lexical possuem um maior número de ocorrências entre os mais jovens com 6% e 3%, respectivamente. Será necessário incluir mais entrevistas e a faixa etária intermediária de 36 a 51 anos para que possa melhor analisar o comportamento das variantes na comunidade estudada, a fim de evidenciar as particularidades e fazer inferências mais precisas.

Tabela 3 - Distribuição das ocorrências segundo a faixa etária.

Faixa etária	Variantes			
	C	PL	SN	ON
Faixa A (21 a 35 anos)	8 6%	4 3%	47 36%	69 53%
Faixa C (a partir de 52 anos)	3 2%	0 0%	58 54%	45 42%
Total	11	4	105	114

Fonte: Elaborado pelo autor.

A Tabela 4 mostra as variantes distribuídas quanto à escolaridade. Os participantes analfabetos ou com ensino fundamental incompleto favoreceram o uso do objeto nulo, com 62%, inibindo o clítico e o pronome lexical. O SN anafórico mais se destacou entre os universitários (52%) e, numa leitura vertical da tabela, é possível perceber uma maior frequência do clítico e do pronome lexical. Ainda é

preciso ampliar o *corpus* da pesquisa para que se tenha um melhor indicativo de uso das variantes em relação à escolaridade, atentando à frequência entre os falantes e ao perfil social (estigma *versus* prestígio), na tentativa de responder a alguns questionamentos: será que pelo fato de o falante com baixa ou nula escolaridade pouco conhecer sobre o emprego do clítico estaria optando em cancelá-lo?; será que os universitários favoreceram o SN anafórico estando o uso dessa variante mais condicionado por fatores linguísticos?

Tabela 4 - Distribuição das ocorrências segundo a escolaridade.

Escolaridade	Variantes			
	C	PL	SN	ON
Baixa ou nula	1 0%	0 0%	42 36%	72 62%
Ensino superior	10 8%	4 4%	63 52%	42 35%
Total	11	4	105	114

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nas tabelas seguintes, são apresentados os resultados referentes ao local de nascimento e à língua materna. A escolha dessas variáveis é para verificar como as variantes se distribuem e se existe diferença no uso em relação aos participantes que nasceram na capital Luanda e em localidades mais interioranas da própria província ou de outras províncias que compõem o país, assim como aqueles que possuem o português como L1 ou L2.

Ao analisar os resultados, verificou-se que o número de ocorrências e as porcentagens estavam iguais. Foi feita uma revisão das fichas sociais dos participantes, percebendo-se que, coincidentemente, das oito entrevistas escolhidas para esta primeira análise, aqueles que nasceram na capital declararam possuir o português como língua materna. Sendo assim, notou-se que o uso do objeto nulo é favorecido, com 54%, pelos angolanos que nasceram em outras cidades e que possuem alguma língua africana como L1 (umbundo,

quimbundo, kikongo etc), aprendendo o português via processo de escolarização ou até mesmo de oitiva. Fazendo uma leitura vertical das Tabelas 5 e 6, o SN anafórico é a segunda variante mais usada nas duas variáveis controladas, com 44%; os 11% de clítico foram dos participantes que possuem o português como língua materna e nascidos na capital, onde existe uma maior divulgação da língua oficial.

Por outro lado, não eram esperados os 4% de pronome lexical sendo da capital e tendo o português como L1, ressaltando-se que as únicas ocorrências dessa variante foram registradas na fala de uma participante jovem (21 anos) e universitária. Isso merece especial atenção no desdobramento da pesquisa pelo fato de seu contexto de uso divergir do que geralmente é descrito na variedade brasileira porque o pronome lexical é estigmatizado (cf. DUARTE, 1989).

Tabela 5 - Distribuição das ocorrências segundo o local de nascimento.

Local de nascimento	Variantes			
	C	PL	SN	ON
Luanda	10 11%	4 4%	40 44%	34 38%
Outras localidades	1 0%	0 0%	65 44%	80 54%
Total	11	4	105	114

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 6 - Distribuição das ocorrências segundo a língua materna.

Língua materna	Variantes			
	C	PL	SN	ON
Português	10 11%	4 4%	40 44%	34 38%
Línguas africanas	1 0%	0 0%	65 44%	80 54%
Total	11	4	105	114

Fonte: Elaborado pelos autores

Tendo em vista os resultados apresentados, demonstra-se uma maior preferência dos falantes angolanos pelo apagamento do objeto. Os dados também revelam uma alta frequência da variante SN anafórico e um menor uso do clítico e do pronome lexical. Será iniciada uma segunda etapa da análise, ampliando-se a quantidade de entrevistas disponíveis no *Corpus* Luanda para que melhor seja descrita a norma de uso do objeto direto anafórico na capital luandense e sendo considerados tanto os fatores linguísticos quanto sociais.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste trabalho, pretendeu-se verificar o uso do objeto direto anafórico existente no vernáculo de angolanos residentes em Luanda, capital de Angola. Registraram-se ocorrências das quatro estratégias anafóricas, observando-se que o objeto nulo expressa a grande maioria dos dados (49%), depois aparece o SN anafórico (45%), em seguida o clítico (4%) e o pronome lexical (2%). Esses resultados indicam que os angolanos têm uma preferência pelo apagamento do objeto, utilizando também um SN com frequência e havendo uma baixa produtividade do clítico e principalmente do pronome lexical.

A partir da análise feita neste estudo preliminar, considerando somente a influência de fatores sociais, permite-se concluir, quanto ao sexo do informante, que os homens usaram mais o objeto nulo. As mulheres angolanas se destacaram com o uso das variantes inovadoras SN anafórico e objeto nulo, então será observado se elas continuarão com essa tendência de favorecer o uso dessas variantes porque na maioria dos processos que desencadeiam mudanças linguísticas são as mulheres que utilizam com maior frequência as formas inovadoras quando não são consideradas estigmatizadas. No refinamento da análise desta pesquisa em andamento, serão revistos os casos em que ocorrem

as construções não padrão realizadas pelas mulheres no *corpus*, a fim de verificar aspectos discursivos que poderiam estar relacionados às escolhas feitas. Além disso, para melhor descrição do fenômeno analisado, serão feitos cruzamentos entre as variáveis sociais, sobretudo entre os grupos de fatores sexo e escolaridade, pois pode ser que nessa relação se perceba o porquê de o comportamento das mulheres não ser o esperado, ao utilizar pouco a variante padrão clítico.

No tocante à faixa etária, foram considerados os participantes de 21 a 35 anos e a partir de 52 anos. Observou-se que os mais jovens utilizaram o objeto nulo e o SN anafórico com maior frequência. Houve o contrário entre os mais velhos, sendo o SN anafórico mais favorecido seguido do objeto nulo. Apesar da baixa frequência, o maior número de ocorrência do clítico está entre os jovens e isso pode estar relacionado ao processo de aquisição da Língua Portuguesa e/ou da escolaridade, no entanto, será preciso ampliar a quantidade de dados inserindo mais entrevistas desses grupos etários A e C e dos participantes da faixa intermediária B (de 36 a 51 anos), a fim de refinar a análise dessa variável relacionando-a também a outros aspectos sociais para verificar a tendência de uso.

Em relação à escolaridade, os participantes analfabetos e com ensino fundamental incompleto favoreceram o objeto nulo, já aqueles que possuem ensino superior utilizaram mais o SN anafórico. Vê-se que houve um maior registro da variante clítico entre os angolanos com mais anos de escolarização possivelmente porque tiveram/tem maior contato com a norma padrão. Na próxima fase, com a distribuição de dados de participantes com ensino médio, será verificado na estratificação como essa variável contribui para o comportamento das estratégias anafóricas, nesse caso como elas estão sendo percebidas e interpretadas pelos falantes.

As variáveis local de nascimento e língua materna tiveram o mesmo resultado e foi verificado que, dentre as entrevistas escolhidas aleatoriamente, os 4 participantes que nasceram fora de Luanda declararam ter alguma língua africana como L1 (quimbundo, umbundo, kikongo etc), e os outros 4 eram falantes nativos do português. Destaca-se que houve um maior registro de objeto nulo e o SN anafórico foi a segunda variante mais utilizada por aqueles que têm o português como L2. O clítico foi mais favorecido pelos falantes do português como língua materna. O *corpus* da pesquisa será ampliado a partir das amostras disponíveis no acervo do projeto já citado e observar-se-á se esse perfil será mantido entre os participantes.

Os resultados encontrados nesta análise com dados preliminares permitiram fazer uma descrição prévia do comportamento angolano em relação ao fenômeno. Para uma melhor caracterização do uso do objeto direto anafórico, além da ampliação do número de entrevistas, também serão levados em consideração aspectos da formação sócio-histórica do país e principalmente da capital luandense, que é o foco da pesquisa. Faz-se importante atentar às relações sociais em que os informantes estão imersos, visto que isso pode contribuir para a apropriação de um uso mais padrão ou não em relação ao fenômeno analisado. A identificação de contextos linguísticos também será pertinente à descrição da variação no uso do objeto direto anafórico, comparando a produtividade das estratégias de uso.

Conforme é sabido, esse tema tem sido largamente estudado no português brasileiro, apontando-se para a tendência de substituição dos clíticos por estratégias anafóricas inovadoras. Então, pretende-se comparar o perfil sociolinguístico angolano traçado ao contexto brasileiro porque os resultados obtidos podem identificar o peso de questões sócio-históricas na produção ou não de semelhanças entre as gramáticas constituídas nesses países a partir do contato de línguas africanas e a variedade europeia. Serão trazidos à baila resultados de

variados estudos realizados no Brasil com *corpora* diversos que podem ajudar a (re)pensar nas hipóteses e nas possíveis explicações dos resultados encontrados (CYRINO, 2003; FIGUEIREDO, 2009; 2012; OTHERO et al., 2018, dentre outros), permitindo, assim, que novos olhares possam ser lançados sobre o processo de constituição tanto do português brasileiro quanto do português angolano.

REFERÊNCIAS

ALVES BRITO, Juvanete Ferreira. **O objeto direto (ana)fórico no falar rural baiano**: um estudo sociolinguístico. 2010. 122f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: Casa Editora do Livro, 1920.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. 26ª ed. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997 [1970].

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Ele* como um acusativo no português do Brasil. **Dispersos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004 [1972].

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 22ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1981.

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Orgs.). **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p. 163- 184.

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini Para a história do Português Brasileiro: a presença do objeto nulo e a ausência dos clíticos. **Letras de Hoje**, v. 38, n. 1, 2003.

DALTO, Cristiane Dias de Lima. **Estudo sociolinguístico dos pronomes-objetos de primeira e segunda pessoas nas três capitais do Sul do Brasil**. 129f. 2002. Dissertação de Mestrado. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2002.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica (PUC), 1986.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil**. In: TARALLO, F. (Orgs.). **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas, SP: Pontes/Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989. p. 19-34.

FAGUNDES, Edson Domingos. **Ocorrências de objeto direto e indireto nas três capitais do Sul do Brasil: clíticos, pronomes lexicais e ausência de preenchimento**. 1997. 91f. Dissertação de Mestrado. Curitiba, Universidade federal do Paraná, 1997.

FIGUEIREDO, Cristina. **Objeto Nulo: Uma restrição temática**. In: **Anais do XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste-GELNE**. Natal: UFRN, 2012. Disponível em: <http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2012/arquivos/%C3%A1reas%20tem%C3%A1ticas/Sintaxe/Maria%20Cristina%20Vieira%20-%20OBJETO%20NULO.pdf> Acesso:17 jul. 2021.

FIGUEIREDO, Cristina. **O Objeto direto anafórico: a categoria vazia e o pronome lexical**. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

FREIRE, Gilson Costa. **A realização do dativo e do acusativo anafóricos em PB e PE**. 2005. 204f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

HORA, Dermeval da.; BALTOR, Cristiane da Silva. **Estudo variacionista do objeto direto anafórico no falar pessoense**. In: CASTILHO, Ataliba et al. **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. São Paulo: Fapesp/Campinas: Pontes Editores, 2007. p. 49-59.

KOCH, Ingedore Villaça. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1989.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. de Marcos Bagno, Marta Maria Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LUZ, Cláudia Norete Novais. **Velejando sobre as águas da retomada anafórica do objeto direto**: um cruzeiro na fala em Salvador. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudo da Linguagem). Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2009.

MARROQUIM, Mário. **A língua do nordeste**: Alagoas e Pernambuco. São Paulo: Nacional, 1934.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

NUNES, Jairo M. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Orgs.). **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p.207-222.

OTHERO, Gabriel de Ávila; CYRINO, Sônia; SCHABBACH, Giulia; MADRID ALVES, Leonardo; ROSITO, Rodrigo. Objeto nulo e pronome pleno na retomada anafórica em PB: uma análise em corpora escritos com características de fala. **Revista da ANPOLL**, v. 1, n. 44, 2018. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1113> Acesso: 17 jul 2021.

SANTANA, Jan Carlos Dias de. "Todos os caminhos levam a Feira de Santana": uma viagem sociolinguística para o estudo dos pronomes-objeto no português urbano falado. 2014. 211f. (Dissertação de Mestrado). Feira de Santana, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2014.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **Goldvarb X**: a multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2005. Disponível em: http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref Acesso: 25. out. 2011.

SILVA, Maria Cristina Vieira de Figueiredo. **Objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro**. 2004. 148f. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Recebido em: 16/06/2021

Aprovado em: 30/06/2021